



RELAÇÕES ENTRE A CIÊNCIA E O MUNDO DA VIDA PARA COMPREENDER O LUGAR E FORMAR PARA A CIDADANIA

Carla Riethmüller Haas ¹
Carina Copatti ²
Cláudia Eliane Ilgenfritz Toso ³

RESUMO

A construção de conhecimentos escolares pode contribuir para a formação dos sujeitos e a sua inserção no mundo. Enquanto professoras formadoras, seja na educação básica ou superior, nosso objetivo é refletir sobre o trabalho realizado pela escola como potencializador para que os alunos se tornem sujeitos atuantes e protagonistas das mudanças necessárias na sociedade. Consideramos que a área das ciências humanas, principalmente nos anos finais do ensino fundamental, a história e a geografia, contribui para a formação de sujeitos ativos, conscientes, participativos na sociedade, formação que requer uma compreensão acerca dos conceitos de lugar, território e cidadania. Nesse sentido, o relato de experiência parte de uma proposta didático-pedagógica desenvolvida com uma turma de 7º ano do ensino fundamental, envolvendo a formação do território, considerando os conceitos de periferia e favela, utilizando como recursos a poesia e a arte. Os alunos, por habitarem uma cidade de médio porte e vivenciarem situações específicas no espaço vivido, o bairro, possuem percepções e conhecimentos por vezes limitados sobre periferias e áreas de favelas. Seus conhecimentos sobre tais espaços decorrem, geralmente, de informações nas diferentes mídias, com ênfase no tráfico de drogas, na violência e em problemáticas socioambientais. É fundamental, portanto, trabalhar os processos de ocupação a fim de compreender a formação do território, das cidades e seus espaços, relacionando-os aos lugares de vivência.

Palavras-chave: Ciências Humanas, Cidadania, Lugar, Território. Cidade.

INTRODUÇÃO

A construção de conhecimentos escolares pode contribuir para a formação dos sujeitos e a sua inserção no mundo, pois, quando os seres humanos são capazes de refletir sobre questões ou problemáticas que os afetam direta ou indiretamente, podem criar condições para compreender o mundo em que vivem e, em alguma medida, transformá-lo. Diante dessa prerrogativa, temos por objetivo refletir, a partir dos conhecimentos dos estudantes, sobre

¹ Professora de Geografia na Rede Pública Municipal de Ijuí/RS; Mestra em Educação nas Ciências - UNIJUÍ; Membro dos Grupos Ensino e Metodologias em Geografia e Ciências Sociais (EMGEOCS-UNIJUÍ) e Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional, Currículo e Práticas Pedagógicas Escolares (GEPECPE-UFES); Licenciada em Geografia - UNIJUÍ. E-mail: carla.b@prof.smed.ijui.rs.gov.br;

² Professora Adjunta do Departamento de Educação, Política e Sociedade da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) onde coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional, Currículo e Práticas Pedagógicas Escolares (GEPECPE-UFES). Doutora em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ (2019). Licenciada em Geografia pela UPF (2010) e Mestra em Educação pela UPF (2014). E-mail: carina.copatti@gmail.com.

³ Professora de História na Rede Pública Estadual/RS, professora e pesquisadora do Instituto de Formação e Pesquisa JBarcaro. Pós-Doutora, Doutora e Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ, com Doutorado Sanduíche na Università di Bologna/Itália. Especialista no Ensino de Geografia e da História - Saberes e Fazeres na Contemporaneidade pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Licenciada em História pela UNIJUÍ. Vice-líder do Grupo EMGEOCS-UNIJUÍ. E-mail: claudia@institutojbarcaro.com.br;

lugares e territorialidades compreendendo-as como potencializadoras de mudanças necessárias na sociedade, visando formação para a cidadania.

Como professoras, procuramos refletir acerca do exercício da docência como caminho para construir relações que permitam interpretar e atuar no mundo. Desta forma, problematizamos se, por meio da articulação entre o mundo da ciência e o mundo da vida, ou seja, por meio de experiências cotidianas dos sujeitos em seus espaços de vivência e na sua relação com os territórios, é possível construir processos de cidadania? Consideramos que a história e a geografia, a partir de processos intencionalmente planejados, podem contribuir significativamente para a formação de sujeitos ativos, conscientes e participativos na sociedade.

Com tal pretensão apresentamos, neste relato de experiência, os resultados de pesquisa qualitativa desenvolvida com base em uma proposta didático-pedagógica que envolve a construção do conhecimento científico a partir dos saberes previamente elaborados pelos estudantes no seu espaço de vivência, utilizando a relação entre poesia e arte como elemento articulador entre as disciplinas de geografia e história. A proposta ampara-se em autores como Santos (2000, 2004), Callai (2021) e Comelli (2021), e tem como metodologia uma sequência de atividades desenvolvida com o 7º ano do Ensino Fundamental, no intuito de abordar temas como cidade, lugar, território, periferia e favela, tecendo, pelas interpretações e os raciocínios geográfico e histórico, possibilidades para uma formação cidadã.

APROFUNDAMENTO

A metodologia utilizada para as aulas ancora-se numa perspectiva de pesquisa qualitativa, e foi construída a partir de uma sequência didática composta por três momentos, conforme figuras apresentadas a seguir:

Figura 1: primeiro momento da sequência didática.

Parte 1 - conceituando o lugar e interpretando as experiências dos sujeitos.

Atividade: Apresentar/projetar para os alunos o fragmento da obra “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, de autoria de Carolina Maria de Jesus e, após, responder às questões projetadas uma a uma:

“Quando eu vou na cidade tenho a impressão de que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas, tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variados. Aquelas paisagens há de encantar os visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma.”

Para interpretar o texto...

- O que é uma favela? Descreva sua ideia sobre como é e o que existe em uma favela.
- Onde existem favelas?
- O que é uma periferia? Descreva sua ideia sobre como é e o que existe em uma periferia.
- Por que a favela não é considerada, nas palavras da autora, como parte da cidade?
- Nas palavras da autora, as mulheres e crianças da cidade são “tão bem vestidas” e “tão diferentes da favela”. Como você interpreta essas palavras?
- Que paisagens podem ser mencionadas?

Fonte: Carla Riethmüller Haas, documentação pedagógica pessoal, 2022.

O primeiro momento constituiu-se pela relação do conhecimento dos alunos e o conhecimento sobre o conceito de lugar. Conforme Santos (2000, p. 114), lugar não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido. É uma experiência sempre renovada, o que permite reavaliação das heranças e indagação sobre o presente e o futuro. “A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo”.

A proposição deste momento, envolve a reflexão a partir do fragmento da obra “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, e da relação entre o texto da autora e as experiências cotidianas nos lugares. Para tanto, algumas questões foram propostas: O que é uma favela? Descreva sua ideia sobre como é e o que existe em uma favela; Onde existem favelas? O que é periferia? Descreva sua ideia sobre como é e o que existe em uma periferia. Por que a favela não é considerada, nas palavras da autora, como parte da cidade?

Figura 2: Segundo momento da sequência didática.

Parte 2: Análises de representações de favelas (observação e descrição; análise e comparação)

Atividade: Projetar as imagens, uma de cada vez, para observar e descrever; depois as duas juntas, para comparar. Após, responder às questões, uma a uma.

<p>Figura 1: Favelas, de Cândido Portinari, 1957</p>  <p>https://7dasartes.blogspot.com/2012/02/candido-portinari-um-dos-grandes.html</p>	<p>Figura 2: Favelas Pavão e Pavãozinho, de Helena Coelho, 2017</p>  <p>galeria_jacques_ardies_helena_coelho_favelas_pavao_e_pavaozinha_copacabana_rio_60x90cm_2017</p>
---	--

Para interpretar as imagens...

- Na primeira imagem, como é retratada a favela?
- Na segunda imagem, como é retratada a favela? Da mesma forma que na primeira?
- Como você imagina a vida nos lugares retratados, se difere?
- Você acredita que as relações entre as pessoas e os lugares mudaram ao longo do tempo? Em que sentido?
- Você entende que os territórios representados nas obras se relacionam com a poesia de Carolina Maria de Jesus? De que forma e por quê?

Para debater...

Quais as características do lugar onde moramos?

Onde nós moramos, se caracteriza como centro, favela, periferia?

Para compreender conceitos...

Pesquisa sobre os conceitos: Favela e periferia (usar os [chrome books](#)).

Vídeo: A história da primeira favela do Brasil, Eduardo Bueno:

<https://www.youtube.com/watch?v=9fx9p-tvD0s>

Fonte: Carla Riethmüller Haas, documentação pedagógica pessoal, 2022.

A continuação da sequência envolve um segundo momento, propondo analisar representações de favelas (observação e descrição; análise e comparação), realizada a partir da projeção de imagens em sequência.

A primeira imagem, de Cândido Portinari, intitulada “Favelas” (1957); a segunda, de Helena Coelho, denominada “Favelas Pavão e Pavãozinho” (2017). As imagens são projetadas uma a uma para que os alunos observem e descrevam cada uma; depois as duas juntas, para realizar a comparação.

Após observação e registro individual das respostas às questões apresentadas, é proposto um debate acerca das características do lugar onde moram os alunos e se este lugar se caracteriza como centro, favela ou periferia, compreendendo noções de ocupação e formação de territorialidades. É importante salientar que há alunos com dificuldades em compreender os conceitos, pois as ideias estão impregnadas de preconceitos, o que motivou a realização de uma pesquisa a partir da qual pudessem ampliar conhecimentos sobre os conceitos em estudo e as realidades onde se apresentam. Ainda, visando melhor compreensão do tema, foi assistido e debatido o vídeo do jornalista gaúcho Eduardo Bueno: “A história da primeira favela do Brasil”.

É preciso compreender que mesmo que as primeiras favelas tenham se formado no Rio de Janeiro, ao longo da formação do território brasileiro, estes aglomerados urbanos adquiriram características distintas. Milton Santos (2004, p. 75), em “O Espaço Dividido”, aborda um enfoque sobretudo, econômico, e destaca que:

Favelas e cortiços constituem, nos países subdesenvolvidos, uma realidade mutável [...] com efeito a favela não reúne todos os pobres de uma cidade, e nem todos que nela vivem podem ser definidos segundo os mesmos critérios de pobreza. Uma favela pode compreender tanto biscateiros, que vivem de rendas ocasionais, como assalariados dos serviços e das indústrias e mesmo pequenos empresários.

Para Comelli (2021), na literatura há uma série de descrições sobre favelas focadas em carência e ausência, pois seguem sendo o lócus da pobreza urbana, da vulnerabilidade social e da segregação espacial nas grandes cidades brasileiras e do sul global. Por outro lado, há estudos que focam em aspectos construtivos presentes em tais assentamentos: a cultura vibrante, o empreendedorismo criativo, a resiliência de seus moradores. Isso envolve pensar

em outras possibilidades de entender as favelas e suas dinâmicas e perceber que nem sempre as favelas estão localizadas em áreas periféricas, ou, ainda, que na periferia ocorrem diversos tipos de ocupação, não relacionadas a processos de favelização.

Figura 3: Terceiro momento da sequência didática.

Parte 3: Para sistematizar...

A partir da ideia dos artistas Cândido Portinari e Helena Coelho, faça um desenho identificando o seu bairro na cidade.

Fonte: Carla Riethmüller Haas, documentação pedagógica pessoal, 2022.

O terceiro momento envolve a sistematização dos conceitos, relacionando com conhecimentos já existentes e com o cotidiano dos alunos, bem como a ampliação dos debates, por meio da retomada das atividades já realizadas e dos resultados da pesquisa. A sequência culmina com uma ilustração sobre os bairros onde os alunos residem, tecendo relação com a cidade, a fim de compreender os conceitos de centro e periferia. Esta ilustração tem como inspiração as obras de Cândido Portinari e Helena Coelho, apresentadas anteriormente, na figura 2.

RESULTADOS

A primeira parte da sequência didática teve por objetivo desenvolver a conceituação de lugar a partir da interpretação do conhecimento pré elaborado e das experiências dos alunos. Com relação ao que é uma favela, predomina nas falas uma visão negativa sobre a população que vive nesses espaços. Os alunos relacionam a favela ao tráfico de drogas, bandidos, assaltantes, um lugar perigoso. A presença de armas e tiros também foi mencionada e ainda, é vista como um espaço de baladas e festas. Ainda, no diálogo a partir das ideias sobre favela, os alunos se referem às características das pessoas que lá vivem, predominando o entendimento de que nesse espaço vivem pessoas pobres, desfavorecidas e “ruins”, porém alguns poucos alunos acreditam que existem pessoas “inocentes e humildes” e que pode ser um lugar onde todos se respeitam.

Com relação ao que é, alguns alunos fazem referência à localização e citam as características do relevo em forma de morro; acreditam que é um lugar “estranho” da cidade, mas como parte dela, uma vila, bairro ou comunidade. Alguns afirmam ser um lugar de bastante oportunidade, mas que para conseguir essas oportunidades é muito difícil e

argumentam que tudo é mais difícil em relação a emprego, acesso à alimentação e a recursos financeiros. Nesse sentido, são percepções bastante distintas em relação à favela.

Alguns estudantes responderam à pergunta referindo-se à infraestrutura. A maioria mencionou a precariedade das casas, próximas umas das outras, com estrutura de madeira, são ruas pequenas, com mau cheiro. Desta forma, o conceito de favela apresenta-se de modo variado, porém, predomina uma visão negativa sobre estes territórios, quase sempre remetendo ao tráfico de drogas, à violência e à precariedade das moradias. Portanto, são ideias que se aproximam do conceito definido pelo IBGE:

Aglomerado Subnormal é uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação.

Com relação à localização de favelas, todos citaram alguma capital ou grande cidade, como: São Paulo e/ou Rio de Janeiro e/ou Porto Alegre e outras da região metropolitana do Rio Grande do Sul, como Canoas, Novo Hamburgo ou próximas. Destes alunos, um reconhece que as favelas estão presentes, geralmente, em grandes cidades, mas que nem sempre. Outros alunos se referiram à localização de uma favela, como perto de trilho de trem, um ponto mais alto da cidade, como um morro e/ou que são lugares mais pobres.

Ainda nesse diálogo, foram abordados outros conceitos como: periferia e centro. O conceito de periferia é desconhecido pelos alunos, porém alguns arriscaram assimilar como sinônimo de favela, um beco, ponto de encontro e que os homens picham.

As interpretações dos alunos sobre as palavras da autora Carolina Maria de Jesus, quando esta afirma que a favela não é considerada parte da cidade, são no sentido de que a favela é “pobre, perigosa, grande”; porque não é a mesma cidade ou é “diferente da cidade”; porque tem pessoas humildes; tem pessoas sem dinheiro; é algo separado da cidade. Desta forma, podemos observar mais uma vez a visão negativa e, muitas vezes preconceituosa, acerca das favelas. Desse modo, se favela significa tudo isso e que para a maioria dos alunos é algo que está fora da cidade, não faz parte da cidade, do contrário, a cidade pode ser o que há de melhor, na interpretação dos alunos, como se a favela não fizesse parte da cidade.

Na segunda parte da sequência didática, os alunos observaram a diferença das cores que, no caso da imagem de Helena Coelho, remete a uma sensação de alegria, com crianças brincando, àquele espaço representado. Já a imagem da obra de Cândido Portinari apresenta pessoas trabalhando ou tocando instrumentos musicais, o que também remete a um ambiente

alegre, porém, um aluno analisou a imagem identificando aspectos tristes, pontuando que predominam adultos, tristes, olhando para o chão.

As paisagens são retratadas de forma diferente na interpretação das duas obras. Os alunos observam as casas próximas umas das outras, o relevo montanhoso, e respondem afirmando que isso remete à pobreza e/ou à precariedade, aspectos aparentes na obra de Portinari. As ideias pré concebidas pelos estudantes em torno da favela se aproximam da representação feita por Portinari, pois o artista representa paisagens de favela do Rio de Janeiro, em áreas de morro.

Um aluno trata da disposição das casas situadas em áreas de morros, com base na obra de Portinari. E na obra de Coelho, observa que as casas estão no entorno do morro, estão localizadas próximas à cidade e não constituindo parte da cidade, assim como já mencionado na primeira parte, o que retoma a ideia de distanciamento, separação, de um espaço não integrado e, portanto, considerado menos importante por uma série de aspectos já mencionados anteriormente.

O debate instigou os alunos a pensar sobre os conceitos a partir do texto e das imagens e a relacioná-los com o lugar onde vivem. Porém, a compreensão mais ampla, aprofundada e complexa sobre os conceitos e a relação destes com a formação da sociedade brasileira, as distintas realidades territoriais do país e, a cidade e o bairro onde vivem se deu por meio da proposição de uma pesquisa a ser realizada em sites da internet. Nesse sentido, observou-se a importância de partir das ideias pré concebidas pelos estudantes e tornar possível que acessem outras formas de interpretar o espaço, os lugares e as vivências de outros sujeitos, o que foi possível pela relação entre os conceitos científicos pesquisados e analisados e as possíveis interpretações dos lugares com base na história das pessoas que ali vivem e da formação do território.

Ao desenvolver as atividades com os estudantes, foi possível perceber que, ao voltar seu olhar para outras realidades e sobre a cidade onde vivem, os alunos têm condições de compreender os processos de ocupação e entender que resultam da formação socioespacial, influenciado pelas questões de ordem econômica, próprio do sistema capitalista.

Estes alunos, por viverem em uma cidade de médio porte, têm uma visão da favela a partir do que recebem de informações nas diferentes mídias, com ênfase em aspectos que se detém ao tráfico de drogas, à violência e às problemáticas socioambientais. Diante disso, para desconstruir estereótipos, é fundamental que se trabalhe sob uma perspectiva crítica e cidadã,

envolvendo OS estudantes em problematizações destes temas por meio da relação entre aspectos históricos e geográficos.

Conforme Callai (2021), estudar a cidade por meio das vivências contribui para a formação cidadã, o que se propõe neste texto pela relação entre diferentes formas de ocupação espacial, as quais constituem o Brasil e que, no contexto diverso que representa o território nacional, precisam ser analisados, reconhecidos e interpretados com base em aspectos específicos de cada realidade de modo articulado com os conhecimentos científicos, os quais tornam possível, pelas interpretações, ir além de uma análise superficial pautada em preconceitos e ideias pré concebidas que desqualifica sujeitos, lugares, sua cultura e seus modos de vida.

Portanto, estudar os lugares pautados em conhecimentos das ciências humanas, no ensino fundamental, torna possível um olhar mais amplo, complexo e crítico com relação aos lugares, suas diversidades e sobre as formas de viver e classificar cada lugar. Tal processo pode contribuir com a formação de sujeitos mais atentos ao mundo, às desigualdades e, sobretudo, podendo ver o mundo e as pessoas de modo mais próximo das singularidades que compõem seus lugares, contrapondo-se a percepções simplistas e compreensões inadequadas.

REFERÊNCIAS

CALLAI, H. C., Et al. **O estudo da cidade:** das vivências à formação cidadã. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2021.

COMELLI, T. C. Lutando por novas narrativas em favelas e periferias: cidadanias complexas em meio a ativismos materiais e culturais. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 23, n. 51, pp. 677-695, maio/ago, 2021.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em novembro, 2023.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido – os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004.